

Avançar nas ruas contra o racismo e o fascismo,

# LUTAR PELO SOCIALISMO!



# O Governo da direita está cada vez mais parecido à extrema-direita, É PRECISO UMA ESQUERDA COMBATIVA PARA OS TRAVAR!



A aproximação da política do governo da Aliança Democrática — PSD e CDS-PP — liderado por Luís Montenegro à política da extrema-direita é cada vez mais notória. Ataques aos direitos dos trabalhadores imigrantes, dificultando a sua legalização, e mega-operações policiais que procuram criminalizar os imigrantes e os trabalhadores dos bairros periféricos entraram no nosso quotidiano.

Em lugar de resolver os problemas sociais, o governo faz dos imigrantes bodes expiatórios e chama a polícia. Falta de recursos no SNS? Proíbem-se os imigrantes indocumentados de aceder. Caos na AIMA por falta de recursos? Mais policiamento. Caos no comboio da Fertagus? Mais policiamento nas estações. Aumento das pessoas sem-abrigo em locais turísticos? Operação policial para as remover para parte incerta. E, em cima disto, agita uma narrativa de “percepção de insegurança” para criar um regime de terror policial contra as populações imigrantes e a classe trabalhadora das periferias.

A narrativa da percepção de insegurança é isso mesmo. Uma percepção criada deliberadamente pelo governo e alguns autarcas — nomeadamente Carlos Moedas em Lisboa e Rui Moreira no Porto — para fazerem avançar a gentrificação e as suas agendas securitárias contra determinados sectores da sociedade. O caso lisboeta é paradigmático: a Câmara Municipal, com um orçamento de milhões, prefere financiar eventos megalómanos em vez de

criar habitação pública, creches públicas ou manter os bairros trabalhadores limpos.

Esta atuação, de resto, não é específica da direita portuguesa. Por toda a Europa vemos como vários governos da direita — mas também da social-democracia — e a própria União Europeia, com a sua política belicista e anti-imigração, se assemelham cada vez mais à extrema-direita. E depois parece que ficam espantados quando esta cresce eleitoralmente. Que desfaçatez e hipocrisia gritantes!

A rapidez e aparato mediático que o Governo e o Estado colocaram nestas mega-operações policiais — que Montenegro prometeu que se repetiriam — contrasta radicalmente com a proteção e apoio que são dados às verdadeiras vítimas da “insegurança”. A violência doméstica e sexual tem vindo a aumentar em Portugal e é um verdadeiro flagelo social. O caso mais recente é paradigmático: Alcinda foi assassinada em casa, no Barreiro, pelo marido à frente dos dois filhos, num caso em que existiam antecedentes conhecidos de violência doméstica. A denúncia efetuada pela própria em 2022 foi arquivada e, dois anos mais tarde, mais uma mulher pagou com a vida. Com a violência e a justiça machistas e patriarcais, o governo não se preocupa nem toma qualquer ação.

O mesmo se passa com a violência racista que não pára de aumentar. São vários os casos de assassinatos racistas nos últimos anos, o mais recente de Odair Moniz às

mãos de um agente policial do Estado. E a impunidade para estes crimes é quase total, como aconteceu com os GNRs de Odemira que torturaram vários trabalhadores imigrantes e apenas um dos envolvidos cumpriu pena efectiva. É preciso dizê-lo: não existe qualquer associação entre imigração e criminalidade. Os municípios com maior percentagem de imigrantes são os com menor criminalidade. O que importa à direita e extrema-direita é criar alarme social para esconder os verdadeiros problemas e dificuldades económicas que a classe trabalhadora e outras camadas da população enfrentam diariamente.

A repressão aos imigrantes, aos trabalhadores e aos ativistas que lutam contra as alterações climáticas ou contra o genocídio na Palestina não é arbitrária. Com o aprofundar da crise na Alemanha, da guerra no Médio Oriente e com o aumento das tensões interimperialistas, Portugal sofrerá, mais cedo ou mais tarde, um aprofundar da crise económica e um aumento da luta de classes.

A atuação do governo da AD mostra uma estratégia clara de fortalecimento da autoridade policial e justiceira do Estado que procura, por um lado, disciplinar as camadas mais oprimidas da população e, por outro, preparar as várias forças policiais para um futuro embate direto com a classe trabalhadora.

**Acentua-se a crise económica e social**

Enquanto decorrem estes espetáculos mediáticos, cada vez mais camadas da população se vêem atiradas para a pobreza e a desigualdade. Portugal é hoje o segundo país da OCDE em que o 1% da população detém mais riqueza, cerca de 23%. Além disso, os 10% mais ricos da população detém 60% de toda a riqueza nacional. As pessoas sem-abrigo e que trabalham não param de aumentar.

A crise europeia, nomeadamente a do sector automóvel alemão, já está a ter efeitos também em Portugal — entre outubro de 2023 e outubro de 2024, o número de desempregados na indústria automóvel aumentou 26%. De acordo com dados da DGERT, nos primeiros 11 meses de 2024, o número de trabalhadores abrangidos por despedimentos coletivos aumentou 76% até novembro, face a igual período do ano anterior, o que corresponde a 5.403 trabalhadores que foram efetivamente despedidos.

Este inverno os tempos de espera nas urgências continuaram acima das 10 horas em vários hospitais públicos. A “medida estrela” do governo foi obrigar os pacientes do SNS a telefonar primeiro para a linha SNS24 que, mantendo recursos insuficientes, foi incapaz de responder ao aumento exponencial da procura. Cerca de 60% das chamadas foram atendidas em 15 minutos, um tempo de espera enorme em casos de doença grave. Mas pior ainda, existem relatos de algumas pessoas que demoraram

1 hora para serem atendidas!

Durante a greve no INEM, a direção foi incapaz de decretar serviços mínimos, o que causou a morte a 11 pessoas por falta de atendimento. A vida das populações vale zero para esta gente que prefere gastar 20 milhões de euros em novas viaturas para a PSP e GNR, mas é incapaz de investir aquilo que é necessário para ter um serviço absolutamente crucial de emergência médica a funcionar.

E na Educação, cerca de 300.000 alunos estiveram, no mínimo 3 semanas, sem professor a uma disciplina. E nenhum dos incentivos temporários do Governo para colmatar esta falta surtiram efeito, já que o problema de fundo — baixos salários e falta de condições de trabalho — são impossíveis de resolver sem alocar recursos financeiros consideráveis. O já anunciado aumento das propinas para a universidade no próximo ano letivo vai aprofundar ainda mais a desigualdade e expulsar milhares de estudantes de famílias trabalhadoras da universidade.

As perspectivas para 2025 não são nada animadoras. Prevêem-se mais despedimentos coletivos sobretudo na indústria e numa economia altamente dependente do exterior — nomeadamente no turismo — qualquer diminuição nessa procura terá necessariamente consequências para a economia portuguesa. E as novas exigências de aumento dos gastos em armamento por parte da NATO significam que o Estado português terá que mais do que duplicar o atual valor para 6400 milhões de euros para cumprir as metas definidas. Dinheiro dos trabalhadores que não será gasto na saúde, educação, transportes ou habitação públicas.

A falta de soluções alimentará a raiva e o desespero de muitas famílias trabalhadoras incapazes de sair da pobreza, mesmo trabalhando. E isso levará cada vez mais camadas da população, com a juventude à cabeça, à luta.

**A combatividade dos trabalhadores e jovens contrasta com a passividade da esquerda reformista**

A melhor resposta aos vários ataques do governo foi dada nas ruas de Lisboa, no dia 11 de janeiro de 2025. Várias dezenas de milhares de pessoas desceram a Avenida Almirante Reis e encheram a praça do Martim Moniz para dizer bem alto que repudiam o racismo, a brutalidade policial e a extrema-direita. Que não aceitamos mega-operações como a que aconteceu na Rua do Benfamoso, na Cova da Moura ou no bairro do Zambujal.

À mesma hora, ocorria uma patética manifestação do Ergue-te/Habeas Corpus de 200 fascistas e uma vigília do Chega em solidariedade com a polícia que não ultrapassou as poucas centenas de pessoas. Não ignoramos o perigo que representa estas organizações saírem à rua, mas ficou claro que somos muitos mais do que eles. A extrema-direita combate-se nas ruas com a mobilização de massas. E foi isso que fizemos!

No rescaldo desta manifestação Luís Montenegro tentou apresentar-se como o “elemento de moderação” contra os extremos. Ao traçar esta falsa equivalência entre as duas concentrações da extrema-direita e os dezenas de milhares de imigrantes, trabalhadores e jovens que encheram o Martim Moniz, Montenegro colocou na mesma balança aqueles que atacam imigrantes, pessoas queer e mulheres com aqueles que os defendem e se opõem a isso. E é esta a direita dita moderada!

A participação de toda a esquerda parlamentar na manifestação do dia 11 de janeiro é um dado relevante. PS, BE, PCP, Livre e PAN marcaram presença, associando-se à iniciativa e criticando o governo e a extrema-direita. Mas, da parte do PS pelo menos, esta participação é de uma hipocrisia absoluta. O executivo camarário que iniciou a gentrificação de Lisboa foi o de António Costa e Fernando Medina impulsionou-a ainda mais; os executivos camarários que demoliram bairros auto-construídos no concelho da Amadora, por exemplo, eram do PS; o executivo que pretendia despejar famílias inteiras de habitação camarária em Loures, na sequência da revolta pela morte de Odair Moniz, é do PS; vários casos de brutalidade policial, como o de Odemira, e o

crescimento da violência de extrema-direita em geral, como escrevemos anteriormente, tiveram total convicção do PS.

Além disso, a recente aprovação do desastroso Orçamento do Estado para este ano pelo PS, estendendo a mão à direita quando realmente conta, mostram bem o cinismo deste partido. O que há que ressaltar é que, acima de tudo, a classe dominante pretende estabilidade para continuar os seus negócios. E por isso mesmo a oposição do PS será apenas pontual e em temas que não belisquem o grande capital. E a esquerda reformista, sobretudo BE e PCP, criticam mas não propõem qualquer estratégia de mobilização para parar os ataques da direita, entregando-se com um jogo parlamentar onde estão em franca minoria e avançando com propostas fracas, confusas e que não fazem avançar o movimento.

Para as dezenas de milhares de pessoas que tomaram as ruas contra o racismo, a extrema-direita e a brutalidade policial, o que propõem de concreto estes partidos? Uns defendem mais policiamento de proximidade o que, tendo em conta as últimas mega-operações, vai significar maior repressão para estas populações. Outros argumentam que a polícia está a ser instrumentalizada politicamente, procurando ilibá-la da atuação vergonhosa no Benfamoso, no Zambujal e em dezenas de outras situações que vão surgindo semanalmente. É por demais conhecida a simpatia de dezenas de milhares de agentes das várias polícias pelo Chega e, como aliás aconteceu no passado, constituem uma base social sólida da extrema-direita.

Como comunistas revolucionários e trabalhadores temos de compreender que a polícia está de facto a fazer “o seu trabalho”, isto é, atacar as camadas mais oprimidas da nossa classe para que sejam mais bem exploradas pela classe dominante. Por isso mesmo, esta instituição não é reformável e tem de ser abolida. Para combater a violência da extrema-direita e a brutalidade policial só existe um caminho: o da auto-organização dos trabalhadores e jovens.

**Construir uma esquerda combativa**

No ano passado, o movimento de protesto

contra o genocídio na Palestina, a gigantesca manifestação do 25 de abril, as várias manifestações anti-racistas e a revolta nos bairros periféricos da Área Metropolitana de Lisboa mostraram que a sociedade portuguesa não está a virar toda à direita. Existe sim um processo de polarização social fruto da decadência do sistema capitalista e, em particular, do capitalismo europeu. Isto significa que existem várias camadas da pequena-burguesia e trabalhadores a virar decisivamente à esquerda, em particular entre a juventude.

Mas, devido ao papel de contenção das lutas, a esquerda reformista e do regime — Bloco de Esquerda, PCP e também a CGTP — estão hoje completamente desacreditados aos olhos da maioria da classe trabalhadora e juventude. Conciliar com o PS e, em última análise com a classe dominante, significou aceitar a nossa miséria. E isto é compreendido perfeitamente por vastas camadas da população. O problema não é a baixa consciência, é a falta de direcção política à altura da camada mais avançada da classe trabalhadora e juventude, disposta a lutar contra este governo e este sistema.

É necessário construir essa direcção política, isto é, construir uma organização de combate capaz de intervir nas greves, nas ocupações e nas manifestações. Que defenda claramente e sem medos uma ruptura com o regime atual e que combata a extrema-direita nas ruas com a mobilização de massas. Uma organização capaz de fomentar a auto-organização nos bairros, nos locais de trabalho e de estudo para lutar por uma vida melhor.

Uma organização que defenda salários dignos, habitação, saúde e educação públicas, gratuitas e de qualidade, por direitos plenos para imigrantes, igualdade de facto para as mulheres e pessoas queer, e por uma solução para a catástrofe ambiental.

Nós, comunistas revolucionários organizados na Esquerda Revolucionária, queremos construir essa organização. Se partilhas destas ideias, junta-te a nós!





# FIM À CAMPANHA DE TERROR POLICIAL EM LISBOA E NAS PERIFERIAS!

Declaração Esquerda Revolucionária

Na tarde do dia 19 de dezembro, a rua do Benfornoso, no Martim Moniz (Lisboa), foi encerrada e cercada pela PSP, que identificou centenas de imigrantes, tratando-os como criminosos. As imagens desta rusga brutal, em que se vêem as paredes da rua repletas de pessoas imigrantes encostadas, açoitadas pela polícia, causaram indignação entre largas camadas da juventude e da classe trabalhadora e tornaram-se virais nas redes sociais. E com razão: não há memória de uma operação tão declaradamente autoritária e racista desta envergadura no centro de Lisboa.

Os resultados concretos da operação foram, como não poderia deixar de ser, absolutamente patéticos. Foram efetuadas duas detenções apenas, a dois portugueses e apreendido um x-acto. Mas para o Comando Metropolitano de Lisboa o objetivo foi atingido: “Uma única faca já justificaria o

trabalho de ontem”. Isto porque o verdadeiro objetivo nunca foi a segurança dos moradores daquela rua, mas antes utilizá-los como bodes expiatórios não só para a pobreza da classe trabalhadora nacional, mas também para a violência machista, fazendo uso da islamofobia.

Se o Ministério da Administração Interna, liderado por Margarida Blasco, estivesse realmente preocupado com a segurança pública, empregaria os seus recursos a perseguir violadores e agressores ou a fazer rusgas a grupos neonazis, onde certamente encontraria muito mais do que uma única faca. É, mais uma vez, claro qual o papel principal da polícia no Estado burguês: reprimir as camadas mais pobres da classe trabalhadora e do povo e manter a ordem capitalista pela força.

## Terror e Revolta em Lisboa

Enquanto os seus colegas atormentavam a

população imigrante do Martim Moniz, um destacamento especial da PSP levava a cabo uma operação de ainda maior envergadura nos bairros da Cova da Moura e do Zambujal, com uma centena de agentes visando o cumprimento de 12 mandados de busca, acabando por levar a cabo 4 detenções e conduzindo à esquadra outras 8 pessoas.

Estas operações policiais em larga escala têm-se multiplicado no último mês e surgem no seguimento da revolta nos bairros periféricos após o assassinato às mãos da polícia de Odair Moniz, e da grande manifestação de massas que encheu a Avenida da Liberdade e trouxe até ao coração de Lisboa o movimento da juventude racializada.

A PSP, pelo menos, não esconde tal conexão. A cada rusga que é feita na Cova da Moura e no Zambujal, são detidos jovens acusados de ter participado nas revoltas. Os mesmos que ignoram as vítimas de violência doméstica e deixam impunes violadores

camada antes que esta se torne a vanguarda de um movimento mais amplo e mais poderoso.

## A direita tradicional vira à extrema-direita

Que a extrema-direita, encabeçada pelo Chega, aplauda a alto e bom som a campanha de terror policial em curso, tal como aplaudiu e quis medalhar os assassinos de Odair Moniz, não surpreende ninguém. Mas é significativa a posição que a direita tradicional portuguesa, encabeçada pelo governo da AD, está a ter, replicando o programa do Chega ainda que se tente distinguir nas palavras.

A mesma direita que hipocritamente fala de liberdade e presunção de inocência quando os arguidos são os grandes capitalistas ou agentes da polícia, não hesita um segundo em sentenciar sem julgamento estas populações. O Ministro da Presidência, Leitão Amaro, deixou bem claro que “esta operação no Martim Moniz é apenas uma de várias. Temos várias calendarizadas”. Todo um programa político.

Estas operações foram orquestradas com o Governo e a Câmara Municipal de Lisboa, que estão tão determinados quanto a polícia em esmagar a ameaça da juventude das periferias e em acoçar a classe trabalhadora imigrante. Na verdade, Carlos Moedas que recorre, uma e outra vez, ao chavão reacionário da “percepção de insegurança” é o ponta-de-lança do PSD nesta campanha, criminalizando os sem-abrigo, os imigrantes

e a esquerda.

É um tipo de atuação absolutamente inaceitável e os seus responsáveis políticos não podem sair incólumes. Margarida Blasco é a principal responsável pelo espetáculo degradante de xenofobia e racismo a que assistimos esta semana e, como tal, deve ser demitida.

Quanto à esquerda parlamentar, esta prova-se completamente inútil no que toca a proteger as comunidades marginalizadas desta agressão estatal, e os seus posicionamentos demonstram bem a sua fraqueza neste assunto, com o Bloco de Esquerda recorrendo aos velhos motes de que os imigrantes contribuem para a economia nacional – como se a sua humanidade e os seus direitos estivessem dependentes disso. Os perenes apelos do PCP a mais “polícia de proximidade”, por sua vez, destoam completamente com a realidade do que sentem as populações dos bairros, quando a polícia entra pelas suas comunidades adentro.

E o PS atinge o cúmulo da hipocrisia. O mesmo partido que aprovou o Orçamento do Estado da direita que aumenta o investimento na polícia tenta agora capitalizar mediaticamente a indignação geral com o caso. Enquanto isto, os seus eleitos em Loures aprovaram uma recomendação do Chega que visa despejar famílias inteiras da habitação municipal se um dos seus elementos tiver participado nas revoltas dos bairros — o que aliás vem na senda do seu trabalho a despejar famílias trabalhadoras

no município.

É também notório que, no mesmo dia em que a rusga se dava na rua do Benfornoso, a Polícia Judiciária tenha concluído que não houve motivação racial por detrás da morte de Odair Moniz, admitindo a possibilidade de ser um caso de legítima defesa, com uma reação possivelmente desproporcionada. Esta ridícula declaração é a primeira pista do que parece ser a ilibação, ou pelo menos a atenuação, dos crimes dos assassinos de Odair Moniz, e da desculpabilização institucional da PSP.

Perante toda esta atitude — seja do governo, dos partidos políticos, ou dos tribunais — a descredibilização das instituições do Estado cresce aos olhos da juventude trabalhadora das periferias de Lisboa e fica cada vez mais claro que não podem esperar de nenhuma destas instituições justiça ou reforma, apenas miséria e terror.

## Só há uma solução – organização!

O terror policial vai apenas servir para acender ainda mais a chama de revolta que arde nos corações da juventude trabalhadora, farta de anos de sofrimentos e humilhações, e sem perspetivas de futuro.

Mas se dessa revolta quisermos que saiam ganhos concretos – na esfera política, económica e social – então não podemos simplesmente esperar para que esta se dê. Temos de preparar o caminho para a sua vitória através do trabalho organizativo,

construindo um partido revolucionário capaz de expressar as exigências dessa revolta num programa concreto que chame a si toda a classe trabalhadora em Portugal.

O movimento que se está a desenvolver entre as comunidades racializadas nos bairros periféricos dá mostras dessa capacidade organizativa — nomeadamente através do movimento Vida Justa – e é precisamente isso que faz estremecer de tal maneira a classe dominante. Mas esse trabalho tem de ser estendido, nomeadamente para chegar junto da comunidade imigrante no Martim Moniz, e junto da demais classe trabalhadora lisboeta, e de outras cidades e pontos do país.

## A Esquerda Revolucionária defende:

- **Fim do plano para a migração do governo; regularização imediata de todos os imigrantes e descendentes de imigrantes!**
- **Demissão imediata da Ministra da Administração Interna, Margarida Blasco.**
- **Abolição da polícia, criação de comités de auto-defesa nos bairros.**



# TRUMP REGRESSA À CASA BRANCA: um presidente de extrema-direita ao serviço da plutocracia capitalista



**Coral Latorre**  
Izquierda Revolucionaria Internacional

A tomada de posse de Donald Trump como Presidente dos EUA teve lugar a 20 de janeiro. Milhões de pessoas em todo o mundo acompanharam o espetáculo nauseabundo em direto. Uma cerimónia em que este reacionário de extrema-direita se rodeou do capitalismo imperialista agressivo, pronto a implementar uma agenda de ataques brutais à classe trabalhadora no país e no estrangeiro, e a fazer retroceder todos os direitos democráticos que puder.

Trump discursou rodeado das três pessoas mais ricas do mundo — Jeff Bezos, Mark Zuckerberg e Elon Musk — dos maiores CEOs do país e dos maiores representantes da extrema-direita à escala internacional, como o presidente argentino Milei e a italiana Giorgia Meloni. Não faltou ninguém. Nem os aplausos dos líderes do Partido Democrata, como Barack Obama, Hillary Clinton ou Kamala Harris. Desde o primeiro minuto, o magnata nova-iorquino decretou guerra aberta aos trabalhadores e aos pobres, especialmente contra a população imigrante, as mulheres e pessoas queer, envolveu-se na bandeira do belicismo mais furioso e prometeu colocar todos os recursos do Estado ao serviço dos grandes monopólios e para os bilionários continuarem a aumentar as suas fortunas. A tudo isto seguiu-se a cena mais chocante da noite: Elon Musk fez a saudação nazi em três ocasiões.

Mas o que aconteceu ontem não pode ser descartado como um simples espetáculo. Sim, Trump tem um comportamento lunático, narcisista e por vezes delirante, algo que também era característico das dita-

das sanguinárias de Hitler ou Mussolini. Mas Trump não é um louco a viver o seu momento de glória, e muito menos um outsider sem apoiantes no seio da classe dirigente estado-unidense. O facto de ter escapado impune a todas as acusações pelo seu envolvimento no assalto ao Capitólio, a 6 de janeiro de 2021, prova as suas enormes ligações ao aparelho de Estado e aos círculos do poder político do país.

A agenda de Trump pode horrorizar-nos, a muitos até surpreender-nos, mas minimizar o que ele representa ou zombar do seu comportamento excêntrico não prepara o movimento, a classe trabalhadora e a juventude para o sério desafio que enfrentamos. Compreender o momento histórico em que vivemos e as causas sociais profundas que explicam o fenómeno do trumpismo, é um imperativo para podermos tirar as lições políticas corretas e assumir a luta contra uma ameaça sem precedentes nas últimas décadas: um governo de extrema-direita, anticomunista, racista, imperialista, aliado a forças fascistas à escala internacional, que vai dirigir o rumo da principal potência mundial nos próximos quatro anos.

## Um imperialista impiedoso mascarado de pacificador

O discurso do agora 47º presidente dos EUA foi pontuado por referências constantes à “idade de ouro da América que começa agora”. Trump prometeu à sua base social — as camadas médias irritadas e cada vez mais fanatizadas com o seu discurso nacionalista e racista, e amplos sectores de uma classe trabalhadora empobrecida e desmoralizada que não vê futuro — que vai tornar a América grande outra vez. As declarações de que “o nosso país vai florescer” e de que “não nos deixaremos mais enganar”, demonstram o orgulho ferido de uma potên-

cia em declínio. O seu objetivo é recuperar a aura imperial dos Estados Unidos, com o poder da sua indústria militar por detrás.

Está em curso uma luta pela supremacia mundial, na qual os Estados Unidos foram substituídos e ultrapassados em muitos terrenos por uma potência que acumulou um imenso músculo tecnológico, industrial e comercial: a China. Embora a intervenção na Síria e o reforço do sionismo no Médio Oriente, após o genocídio selvagem perpetrado em Gaza, tenham desferido um rude golpe no bloco russo-chinês na região, é impossível esconder que o imperialismo estado-unidense tem sofrido sérios reveses nos últimos anos.

A sua notável perda de influência em todos os continentes e entre aliados históricos, as derrotas no Iraque, no Afeganistão e agora na Ucrânia, colocaram Washington num dilema existencial. É isso que move e encoraja a classe dominante estado-unidense a lutar com todos os meios ao seu alcance, mesmo que isso signifique espalhar o caos e acabar definitivamente com qualquer vestígio de equilíbrio para o capitalismo global.

Trump é um inimigo declarado dos povos do mundo, mas se pode ir tão longe é porque Joe Biden e os democratas desencadearam uma escalada de militarismo imperialista selvagem, impondo a guerra à Europa na frente ucraniana, pondo a Alemanha de joelhos para afastar da Rússia, lançando uma guerra comercial contra os seus adversários e apoiando com as armas mais terríveis o holocausto palestino em Gaza.

Biden não foi mais do que um trumpista maquiado a governar para a mesma plutocracia de que o magnata nova-iorquino faz parte. Mas é preciso sublinhar que Biden falhou em muitos dos seus objetivos inter-

nacionais e domésticos. Não conseguiu travar o avanço da China, falhou na Ucrânia e reforçou o regime de Putin, e o rasto de miséria e empobrecimento que deixou nestes quatro anos é aterrador. Este é um bom lembrete de que os obstáculos que Trump vai enfrentar não são pequenos.

Durante a sua campanha eleitoral, e na inauguração repetiu-o, Trump prometeu que a sua prioridade era chegar a um acordo com a Rússia para pôr fim a quase três anos de guerra na Ucrânia, e agora apresenta-se como o arquiteto do cessar-fogo em Gaza. Mas tudo isto é pura fanfarronice, propaganda, para se posicionar enquanto o pacificador a quem se deve agradecer por terminar a guerra. É o mundo de pernas para o ar. Este reacionário é a expressão máxima do belicismo mais violento e fará tudo o que for preciso para tentar restaurar o poder de uma potência em declínio.

Apesar de ter tomado posse ontem, o segundo mandato de Trump começou de forma ruidosa há semanas, com uma agitação incendiária em matéria de política externa. Quer a anexação do Canadá como Estado da União, intervir no território do México sob o pretexto da luta contra a droga e “a emergência da crise migratória”, recuperar o Canal do Panamá e até comprar a Gronelândia, controlando assim zonas comerciais e geoestratégicas fundamentais para o capital estado-unidense.

Bravatas sem base? Ainda é muito cedo para o dizer. A história da luta inter-imperialista está repleta de acontecimentos dramáticos, guerras e conflitos que à partida pareciam impossíveis, mas que acabam por acontecer, impulsionados pela lógica diabólica das contradições que não podem ser resolvidas através da negociação e dos acordos. A administração Trump está disposta a

ir tão longe quanto possível para devolver aos Estados Unidos a primazia mundial. O problema é que não é assim tão fácil.

## Mais guerra comercial, nacionalismo económico e especulação

É evidente que a administração Trump representa um desvio notável em relação às formas habituais da burguesia exercer o seu domínio. Nas democracias capitalistas, a ficção e as aparências jogam um papel importante. O Parlamento apresenta-se como o repositório da “soberania popular”. Os órgãos judiciais são “independentes” do executivo e do legislativo. O executivo, composto por políticos profissionais responsáveis, procura governar em nome do povo guiado pelo “bem comum”. Com Trump, todo este teatro foi varrido.

Temos um governo constituído diretamente por milionários, membros proeminentes da classe dominante e líderes de opinião de extrema-direita. Já não entregam o trabalho a um grupo de burocratas que gerem tradicionalmente nos bastidores. É agora o domínio direto dos plutocratas que fazem do Estado uma ferramenta da sua acumulação privada. Um facto muito relevante e que mostra também a degeneração senil do capitalismo estado-unidense. Sem esta camada de políticos profissionais educados na farsa parlamentar, Trump está a ficar cada dia mais nu como o agitador de extrema-direita que é. E isso, obviamente, terá sérias implicações para a consciência de milhões de pessoas oprimidas em todo o mundo e dentro das fronteiras dos EUA.

Trump usa muita demagogia e manobras de diversão para tentar obscurecer aquele que é um dos seus principais objectivos nesta presidência: esmagar o inimigo interno, extrair a maior percentagem de mais-valia dos trabalhadores atacando duramente as condições laborais e salariais, desviar ainda mais brutalmente as despesas sociais para enriquecer os capitalistas através de mais privatizações e subsídios, implementar legislação anti-sindical feroz, remover quaisquer restrições ambientais que se interponham no caminho do lucro das empresas petrolíferas, mineiras e agro-alimentares e, claro, apontar uma arma à têtora de milhões de imigrantes para que aceitem condições de escravidão. E tudo isto com planos muito calculados para dar mais poder e mais impunidade à máquina da polícia, enquanto os seus bandos fascistas se fortalecem.

E a continuação externa desta agenda interna é preparar os EUA para uma guerra económica prolongada contra a China e os seus aliados. Obviamente, como o seu primeiro mandato e as políticas da administração democrata que se lhe seguiram demonstraram, as hipóteses de sucesso desta estratégia são altamente questionáveis.

É isto que está por detrás de todas as medidas económicas, protecionistas e tarifárias propostas por Trump. Mas estas receitas já foram experimentadas e não produziram o resultado esperado. É ingénuo pensar que tarifas de 60% contra produtos chineses, ou contra bens de outros países que comercializam com a China, conseguirão travar o desenvolvimento económico e produtivo de Pequim. Pelo contrário, como a experiência demonstrou, pode ser um boomerang que atingirá o mercado e a classe trabalhadora estado-unidenses sob a forma de inflação. Para derrotar a China, Trump teria de declarar uma guerra comercial contra mais de metade do mundo.

## Emergência nacional na fronteira, negacionismo climático e machismo



“Vou declarar uma emergência nacional na fronteira sul”. Estas foram as palavras iniciais do anúncio das políticas xenófobas e racistas que a administração Trump planeia implementar para esmagar e perseguir a população migrante nos próximos cinco anos.

Enquanto Trump ainda discursava no palco, os imigrantes que aguardavam nos oito pontos de passagem fronteiriços aperceberam-se de que a aplicação CBP One deixava de funcionar. Todas as marcações foram canceladas, avisava a aplicação que era utilizada para processar a chegada dos imigrantes e o tratamento dos pedidos de asilo. Agora os vistos deixaram de ser processados na fronteira mexicana, deixando milhares de pessoas num limbo jurídico.

Para selar a fronteira, Trump pretende enviar o exército e a Guarda Nacional para “repelir a invasão desastrosa do nosso país” por “milhões e milhões de estrangeiros criminosos”. Este discurso racista, ao estilo dos nazis quando criminalizavam os judeus, é um triunfo do sector mais supremacista do movimento Make America Great Again que promove a teoria da “grande substituição”. Para além das deportações em massa, que visam mais de 14 milhões de pessoas, outra das ordens executivas assinadas prevê a suspensão da reinstalação de refugiados e a pena de morte para “imigrantes ilegais que mutilam e assassinam estado-unidenses”.

Em matéria de energia, o objetivo também é claro: “perfurar, perfurar, perfurar”, desencadeando a extração massiva de combustíveis fósseis como o gás e o petróleo. Numa altura em que a crise climática ameaça a própria sobrevivência da humanidade e os incêndios devastadores consomem a Califórnia, o novo presidente e os seus tecnofascistas de confiança prometem revogar todos os regulamentos “indevidos” sobre a produção e utilização de energia, eliminar os limites de emissões e flexibilizar os limites de poluição. Claro, bye bye Acordo de Paris. Embora saibamos que este acordo de nada serve na luta contra a destruição ambiental, o gesto de Trump vai permitir mais investimentos multimilionários de bancos e multinacionais em indústrias que poluem e destroem o ambiente.

A guerra cultural que nos está a ser vendida pelo novo Presidente envolve o mais repugnante machismo e o ataque à diversidade sexual. Ele já foi muito claro: só há dois géneros, masculino e feminino, o que pres-

agia uma guerra aberta contra a comunidade trans, e que as mulheres e crianças devem ser protegidas da “ideologia radical de género”. Uma agenda já implementada em muitos estados republicanos com a proibição do direito ao aborto e que agora avança graças a plutocratas de Silicon Valley como Zuckerberg, que permitiu que pessoas gays ou trans fossem rotuladas como “doentes mentais” no Instagram e no Facebook.

## Elon Musk, tecno-fascismo do século XXI

A chegada de Trump à Casa Branca suscitou o entusiasmo dos bilionários de Washington. Mais de 50 super-ricos ofereceram os seus recursos a Trump e ao seu programa, e a receção que Wall Street lhe deu não deixa margem para dúvidas: os índices atingiram máximos históricos e o dólar registou a maior subida desde 2020.

Um deles, agora o seu braço direito, é Elon Musk. O CEO da Tesla e da SpaceX é a melhor demonstração do tipo de elementos que fazem parte da ditadura do capital financeiro que domina o mundo. Com uma fortuna de 421,2 mil milhões de dólares, Musk não tem problemas em mostrar-se como é: um neofascista que faz a saudação romana perante milhões de espectadores, que chegou onde chegou graças à exploração mais impiedosa dos trabalhadores e que construiu a sua riqueza através de uma loucura especulativa.

A decrepitude do imperialismo estado-unidense reflecte-se também nos seus próprios dirigentes. Não está fora de questão que Elon Musk provoque contradições no seio do governo, especialmente devido à sua oposição às tarifas sobre os veículos eléctricos, mas este ultra-direitista é um grande trunfo na batalha ideológica contra tudo o que cheire a esquerda e a favor de um programa económico neoliberal para tornar os mega-ricos ainda mais ricos.

## A luta de classes nos EUA entra numa nova fase

A vitória de Trump representa um grande perigo para a classe trabalhadora e a juventude, contra os migrantes, o movimento antifascista e em solidariedade com a Palestina, a luta feminista militante. A luta de classes está a entrar numa fase muito mais difícil, marcada pela agenda ultradireitista da Casa Branca e pelo ressurgimento das tendên-

cias autoritárias e bonapartistas do Estado.

Mas a classe trabalhadora nos EUA tem uma longa experiência. O primeiro mandato de Trump foi marcado por uma forte mobilização social, começando com a Marcha das Mulheres e culminando na revolta social contra a violência policial racista após o assassinato de George Floyd.

O fracasso de todas as promessas de Joe Biden e a política capitalista selvagem que impôs são a melhor demonstração do que funciona e do que não funciona na luta contra a extrema-direita. Toda a esquerda que apelou ao Estado capitalista e à democracia burguesa fracassou.

Estes anos foram duros, mas as lições foram muitas e muito úteis. A radicalização e a polarização para a extrema-direita foram paralelas ao crescimento de uma polarização também para a extrema-esquerda, à formação de novas estruturas, organizações e movimentos nascidos de baixo e que adquiriram um enorme poder de fogo.

Sob o lema We Fight Back 2025, mais de 700 protestos, manifestações e comícios juntaram centenas de milhares de pessoas nas principais cidades dos EUA para receber Trump como ele merece. A vontade de lutar é forte e tem sido demonstrada.

O regresso de Trump coloca em cima da mesa a urgência de construir uma organização de massas com um programa revolucionário. Uma alternativa socialista é o que é necessário para que a classe trabalhadora, numericamente muito mais poderosa do que no passado, possa utilizar toda a sua força, colocar-se no centro da ação política, tornar-se o ponto focal de referência para todos os sectores que sofrem com a crise capitalista, isolar politicamente e esmagar fisicamente o fascismo. O movimento dos trabalhadores e para os trabalhadores que, face ao racismo e aos ataques contra a imigração, eleva a unidade e o internacionalismo contra os nossos verdadeiros inimigos.

Esta é a tarefa da classe trabalhadora e da juventude nos EUA. Só há dois caminhos: ou a reação mais impiedosa, ou a luta pela revolução socialista para derrubar este sistema podre que só nos oferece guerras imperialistas, extrema-direita e miséria extrema.

# 8 DE MARÇO: SAIR À RUA PARA LUTAR CONTRA A VIOLÊNCIA MACHISTA, A JUSTIÇA PATRIARCAL E O FASCISMO!

Livres e Combativas

A violência machista continua a espalhar-se como uma praga; os feminicídios continuam a ceifar as nossas vidas todos os dias; a extrema-direita persegue-nos e desfaz todos os avanços que conseguimos e a justiça patriarcal continua a proteger violadores, abusadores e machistas.

O ano passado registaram-se números e casos particularmente perturbadores. Uma mulher assassinada a cada duas horas na América Latina. A absolvição de um agressor sexual em Itália porque “a vítima demorou 20 segundos a reagir”. A liberdade concedida à nojenta manada de empresários e pedófilos em Múrcia, depois de terem prostituído raparigas entre os 14 e os 17 anos em situação de vulnerabilidade e risco social. E, claro, a maior violação da história francesa: Gisèle Pelicot foi drogada durante dez anos e violada mais de 200 vezes por 51 homens, tudo orquestrado pelo ex-marido. É um pesadelo.

É por tudo isto que neste 8 de Março, Dia Internacional da Mulher Trabalhadora, milhões de mulheres de todo o mundo voltarão às ruas e praças das nossas cidades em defesa dos nossos direitos ao grito de “Nem uma a menos!”

## A violência contra as mulheres cresce em Portugal

Em Portugal a comunicação social burguesa e a extrema-direita têm agitado a ideia de que se vive um clima de “insegurança” por causa dos imigrantes. Mas a verdade é outra: a insegurança advém da normalização do racismo e machismo pela extrema-direita.

É graças à extrema-direita e aos machistas que cria que têm aumentado os casos de violência para com mulheres e pessoas queer, em particular os mais extremos: violações e feminicídios. De acordo com a PJ, entre janeiro e setembro de 2024 foram violadas 38 mulheres por mês em Portugal e foram assassinadas 25 mulheres. Números assustadores.

A violência doméstica em particular é um autêntico flagelo social. É o crime mais denunciado e mais mortífero — a APAV registou 15 mil crimes de violência doméstica no primeiro semestre de 2024 — e também um dos mais ignorados, resultando em mais feminicídios. A polícia é a primeira a ignorar estas queixas, agredindo as vítimas uma segunda vez. O esperado de uma instituição pejada a ela própria de agressores machistas: em 5 anos foram abertos quase 500 processos disciplinares por violência

doméstica praticada por agentes da PSP e militares da GNR. Destes, apenas 5 resultaram em demissão.

Os tribunais deixam os agressores em liberdade na maioria dos casos, criminalizando as vítimas e violentando-as mais uma vez. Uma justiça patriarcal cúmplice há décadas pela mão de juizes e juízas machistas e retrógrados que querem impingir às mulheres o ideal da mulher submissa, mãe e dona de casa.

O novo ataque da direita e extrema-direita contra o aborto é mais uma prova deste aumento de violência sobre as mulheres. Portugal tem uma lei bastante restritiva para a interrupção voluntária da gravidez, além de vários hospitais públicos que se recusam a efetuar esta prática médica. À boleia de uma classe médica elitizada e conservadora, a lista de objetores de consciência tem crescido nos últimos anos, obrigando várias mulheres a deslocarem-se ao Estado espanhol — 530 em 2023 — para interromperem a gravidez.

Este é um ataque a todas as mulheres, mas é preciso ser claro: é sobretudo um ataque às mulheres da classe trabalhadora, que não têm os meios económicos para abortarem fora do país ou numa clínica privada. Sem meios públicos onde possa existir uma

saúde completa para mulheres cis e trans, somos nós as mais violentadas por não termos a quem recorrer.

## O movimento feminista não recuará

Não podemos esperar que instituições machistas e fascistas, como a polícia ou os tribunais, resolvam os nossos problemas. O movimento feminista de classe e anticapitalista só pode contar com as suas próprias forças. E, se os últimos anos servem de exemplo, não voltaremos atrás no nosso movimento e nas nossas reivindicações.

**Neste 8 de Março às 15h na praça do Marquês de Pombal estaremos organizadas e sairemos às ruas, gritando bem alto contra toda a escória fascista e machista que nos agride.**

**Nem um passo atrás! Pela construção de um feminismo revolucionário, junta-te à Esquerda Revolucionária e Livres e Combativas!**



**ESQUERDA**  
**REVOLUCIONÁRIA**

Junta-te à **ESQUERDA REVOLUCIONÁRIA** e constrói connosco para as forças do comunismo revolucionário!

[www.esquerdarevolucionaria.net](http://www.esquerdarevolucionaria.net) • [geral@esquerdarevolucionaria.net](mailto:geral@esquerdarevolucionaria.net)

[T](#) [I](#) [S](#) [@EsqRevPT](#) • [T](#) [I](#) [S](#) [@LivCombat](#) • [T](#) [I](#) [S](#) [@SindEstud](#)

